

UM PASSADO COM OS OLHOS NO FUTURO

Nisa tem um património digno de realce no que concerne a construções amuralhadas referenciadas através do celeberrimo “Livro das Fortalezas” da autoria de Duarte de Armas, datado do ano de 1510, no qual encontramos a reprodução dos castelos de Alpalhão, Amieira do Tejo, Montalvão e Nisa. Venha conhecer um pouco mais sobre a história destes castelos pelas palavras de Bento Semedo, Técnico Superior da Câmara Municipal de Nisa.

A comemoração do Dia Nacional dos Castelos veio lembrar o papel que estas fortificações desempenharam na história local, regional e nacional pelo que dar a conhecer estas grandes obras da arquitectura militar será igualmente lembrar as populações e aqueles que com o seu suor e lágrimas resistiram heroicamente aos invasores que teimavam em apoderar-se do território luso. Neste breve texto damos nota dos castelos de Nisa, Amieira do Tejo e Montalvão, e daremos apenas referência da existência, em tempos idos, de um castelo em Alpalhão do qual apenas restam algumas menções toponímicas e bibliográficas. A existência destas fortalezas está intimamente ligada à localização fronteiriça do concelho de Nisa que obrigou sempre largos investimentos nas suas fortificações, bem como um papel fundamental na defesa da independência do território.



PORTA DE MONTALVÃO



CASTELO DE AMIEIRA



NISA - PORTA DA VILA



CASTELO DE MONTALVÃO

CASTELO DE NISA

A construção do Castelo de Nisa, classificado como Monumento Nacional, remonta à reconstrução da vila ordenada por D. Dinis, na década de 90 do século XIII, e dirigida pelo mestre da Ordem do Templo, D. Frei Lourenço Martins, da qual constava um forte castelo com seis torres e portas. O castelo sofreu, ao longo de diferentes reinados, diversas remodelações sendo de particular realce aquela que ocorreu durante a Guerra da Sucessão com reforço da fortificação com uma segunda cinta defensiva, o que não invalidou a sua derrocada provocada pelo conflito. A destruição continuou no século XIX, restando hoje duas torres, alguns panos de muralha que circundam o casario da “Vila” disposta em bastide, e as portas ainda de finais do século XIII, a da Vila e a de Montalvão e ainda a de João d’Évora.

CASTELO DE AMIEIRA DO TEJO

O Castelo de Amieira do Tejo, classificado como Monumento Nacional, é uma verdadeira “obra de arte” fruto do restauro realizado na década de 40 do século XX que lhe conferiu a fisionomia que ainda hoje mantém, remontando a sua construção ao século XIII pelas mãos de Álvaro Gonçalves Pereira, da Ordem do Hospital, que se havia radicado na vila. O castelo da Amieira é o protótipo de castelo gótico português, exercia, essencialmente, funções residenciais

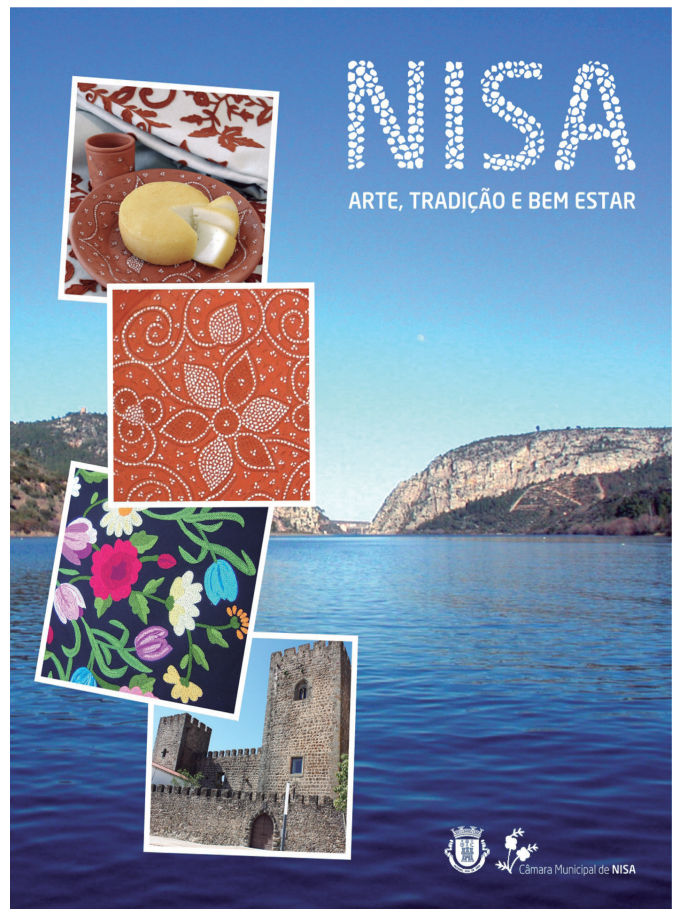
para o Prior do Crato, apresenta uma planta retangular com torres de ângulo, de secção quadrada, não maciças, interligadas pelos adarves dos troços de muralha; a Torre de São João, a sudeste, tem dois pisos, dispondo a de Menagem, a nordeste, de quatro (uma das janelas é mainelada, com moldura gótica). As quadrelas norte e sul apresentam escadas endossadas que dão acesso aos adarves; no centro do pátio, uma cisterna. O castelo está envolvido por barbacã de desenho pentagonal, com porta principal a nascente, envolvendo aí, a capela quinhentista de São João. É também neste sector que se abre a porta principal do castelo, junto à Torre de Menagem, localizando-se a da traição na diagonal oposta, através da qual se acede à liça e daí a exterior pela porta da barbacã, a sudoeste.

CASTELO DE MONTALVÃO

A localização de Montalvão numa zona fronteiriça conferiu-lhe grande importância em termos defensivos, particularmente da ordem cristã, associando-se a construção do Castelo de Montalvão, classificado como Monumento de Interesse Público, à Comenda da Ordem de Cristo. Duarte d’Armas desenhou o castelo de Montalvão como tendo apenas uma muralha, sem qualquer torre anexa, fazendo-se o acesso ao espaço intra-muros por porta única pelo que aquela fortaleza de origem baixo-medieval não terá sido uma obra de grande envergadura restando vestígios dos alicerces das muralhas, das torres e da cisterna, sendo visíveis os panos de muralha, nas quais predomina o xisto. ■

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

A existência e valorização deste património, associado aos vestígios arqueológicos, recentemente revitalizados, por intervenção da Câmara Municipal, como é o caso do Menir do Patalou, a Anta dos Sarangonheiros ou a construção de um Centro Interpretativo do Conhal (Mina de Ouro Romana) associados à existência natural dos Blocos Pedunculares ou das Portas de Ródão e de todo um património de arquitetura religiosa são fontes de interesse e motivos únicos para que o Concelho de Nisa se constitua como uma referência turística e uma fonte de conhecimento de um passado com os olhos no futuro.



NISA
 ARTE, TRADIÇÃO E BEM ESTAR